

## DROGADIÇÃO E TRANSICIONALIDADE: INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA

Bárbara Castro Pecinelli CÉFALO\*  
Alexandre dos SANTOS\*\*

### RESUMO

Para um desenvolvimento satisfatório, a criança necessita de uma sustentação ambiental que viabilize conquistas de tarefas típicas do desenvolvimento rumo a um ser integrado e de uma confiança firmada no vínculo com a mãe, para que possa ser suportada sua falta nos processos de dependência rumo à independência relativa, bem como na fase de transicionalidade. Perturbações ocasionadas por um ambiente intrusivo poderão acarretar uma incessante busca a objetos que possam suprir o ego do sujeito. Estabelecer um bom contato com o mundo interno e externo, isto é, com os próprios sentimentos e com os que os cercam, é uma difícil tarefa encontrada por uma significativa parcela de dependentes químicos, em decorrência disto objetivou-se relacionar a drogadição humana a possíveis falhas nos processos de dependência absoluta e transicionalidade defendidos por Winnicott. Neste sentido, o desenvolvimento da pesquisa realizou-se por meio de uma revisão integrativa, utilizando-se de periódicos científicos indexados na base eletrônica do LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) sendo restringido o uso de publicações do período entre 2006 a 2016. De acordo com os resultados obtidos, conclui-se que tal teoria contribui na visualização de falhas na maturação, que possibilitará ao analista atender as necessidades do paciente.

**Palavras-chave:** Dependência. Drogadição. Transicionalidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, o uso e abuso de substâncias psicoativas, se assemelham a um acontecimento que é extensivamente transmitido, haja vista sua dimensão, uma vez que engloba desde problemas sociais até os de saúde pública da sociedade como um todo.

A consumação de substâncias psicoativas é uma prática histórica e cultural que vem sendo escalonada ano após ano, desde as antigas civilizações. Portanto, não é algo novo. Ressalta-se que esse consumo abrange a busca pelo prazer e pela necessidade em satisfazer todos os instintos dos indivíduos. Mediante isso, Brusmarello et al. (2008) afirmam que esse escalonamento sofreu diversas alterações ao longo da história, variando desde o pecado, passando pelo crime, até chegar à doença.

Ainda de acordo com o autor supracitado, o que antes era celebrado, festejado, hoje possui um olhar intolerante. Com isso, a droga passou a seguir um processo evolutivo cultural,

---

\*Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul (SP) - FUNEC, barbaracpsico@gmail.com

\*\* Docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul, (SP) – FUNEC, alepsicologo@yahoo.com.br

alterando, com o passar do tempo, os padrões, a frequência de utilização e os tipos, variando conforme as condições existentes. O uso atual das drogas é visto como sendo um instrumento de integração, de coesão social e emocional, que logo passou a ser visto como um instrumento de desintegração, ou seja, passou a ser constituído como uma doença social.

A fase em que o consumo de drogas é mais recorrente é na adolescência, tendo em vista que o ambiente é mais facilitador. Nessa fase, o uso de drogas pode ocorrer, por muitas vezes, de forma ocasional, mas em alguns casos, os adolescentes tornam-se dependentes. A padronização desse consumo depende da relação de vários fatores, tais como: o tipo de droga utilizada, características biológicas e psicológicas do usuário, o contexto no qual o usuário se encontra e que se dá o uso de drogas (BRUSAMARELLO et al., 2008).

Ainda para os autores acima referidos, não é suficiente apenas identificar e tratar os sintomas da dependência, mas sim aferir as consequências, as situações e os motivos que levaram o indivíduo a ser acometido por ela. Ao longo desse processo, são verificadas transformações e mudanças comportamentais no indivíduo, isso porque o vício faz com que ele busque constantemente a droga, o que acaba afetando suas relações sociais.

Quando nos remetemos à questão dos motivos que levaram o indivíduo ao consumo de drogas, esses nem sempre se tornam claros ou óbvios. Como por exemplo, um indivíduo pode não apresentar problemas nos relacionamentos, quer seja conjugal ou familiar, no trabalho, amizade, financeiros e mesmo assim, ser um adicto.

Na teoria psicanalista, ressalta-se a existência de um funcionamento mental dinâmico e complexo. A nossa personalidade passa por estágios de estruturação, até mesmo antes do nascimento. Cada etapa do desenvolvimento implica em necessidades específicas, haja vista, não atendidas podem desencadear distúrbios no comportamento no indivíduo na fase infantil e conseqüentemente na fase adulta (DIAS, 2003).

Em cima disto, a tendência a ser um drogadicto pode ser um fenômeno desencadeado no início da vida do indivíduo. Para Winnicott (1990), o desenvolvimento humano é subdividido em dois estágios: o Estágio de Dependência absoluta e o Estágio de Dependência Relativa. No primeiro, o bebê depende absolutamente do meio para a satisfação de suas necessidades vitais e não tem consciência de si e do mundo.

No segundo, o bebê já tem condição de reconhecer objetos, tem consciência do mundo e de que a satisfação de suas necessidades é oriunda do ambiente. Esta etapa segue todo o desenvolvimento humano. A teoria winnicottiana denomina fase de independência absoluta,

porque o ser humano nunca será autossuficiente, necessitará do contato humano para suprir suas carências básicas.

Ainda para o autor supracitado, o primeiro estágio pode ser subdividido em três subestágios: A integração no tempo e no espaço, localização da psique e soma e início das relações objetais. O primeiro refere-se ao desenvolvimento do bebê conseguir discriminar passado, presente e futuro, períodos do dia e espaço físico.

No segundo, o bebê consegue perceber a existência de um corpo, visto que, no início do desenvolvimento, o bebê não consegue ter a percepção de si mesmo e por fim, o fenômeno que caracteriza o terceiro evento da fase de dependência absoluta é o desenvolvimento das relações objetais, ou seja, a mãe é percebida por parte do bebê como um ser separado dele, há o início de uma relação dual, onde é dissipado o aspecto fusional da relação.

Neste terceiro estágio da fase da dependência absoluta, ocorre um fenômeno que é denominado na teoria winicottiana como fase da transicionalidade. Tal estágio é caracterizado pela formação de símbolos na criança, é a transição entre o que é objetivamente percebido e o que há na fantasia dela. Neste espaço, na formação entre o que é real e o simbólico, podem ocorrer vários distúrbios comportamentais na criança e conseqüentemente no adulto. Winnicott enfatiza que distúrbios nesta fase podem acarretar sérios prejuízos no desenvolvimento, tais como: depressão, ideação suicida, delinquência, dentre outros.

A partir disso, o objetivo deste artigo é compreender o significado do uso abusivo de drogas à luz da teoria winicottiana, analisando a dinâmica intrapsíquica envolvida ao longo desse processo. Portanto, será realizada uma revisão integrativa que pautará todo o desenvolvimento metodológico e teórico que servirá como base para fazer esta sustentação e responder à seguinte questão norteadora desta pesquisa: A drogadição pode ser compreendida como falha na fase da transicionalidade?

## **2 METODOLOGIA**

Objetivando um maior desenvolvimento no que concerne à compreensão do significado do uso abusivo de drogas à luz da teoria winicottiana, bem como a análise da dinâmica intrapsíquica existente e os fatores associados a este transtorno, optou-se por realizar uma revisão integrativa da literatura, com o intuito de reunir e resumir o conhecimento científico já realizado e produzido acerca do tema proposto, permitindo que as evidências disponíveis

contribuam positivamente para a confecção do presente trabalho (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Em um primeiro momento, será realizado um levantamento bibliográfico mais aprofundado acerca da definição do uso abusivo das drogas, isso de acordo com as teorias trabalhadas por Donald Woods Winnicott, além da análise da dinâmica intrapsíquica existente e dos fatores associados a essa problemática, para que, em seguida, sejam descritas, pontualmente, todas as etapas intrínsecas ao estudo em questão. Para tanto, serão utilizados os descritores: Dependência. Drogadição. Transicionalidade.

Por se tratar de um estudo bibliográfico em que a trajetória metodológica percorrida apoia-se nas leituras do material de pesquisa, realizou-se uma leitura exploratória do material encontrado, após o levantamento bibliográfico, obtendo assim uma visão geral do tema, de modo que, por meio da leitura seletiva, fosse considerado o que era ou não interessante para se utilizar no trabalho (GIL, 2010).

Por fim, a revisão bibliográfica utilizará a base de dados do LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e demais publicações que foram de extrema relevância para o artigo. Isto posto, foram utilizados como caráter de exclusão a data de publicação, os trabalhos não relevantes, as repetições e os artigos que não apresentavam resumo. Assim, foram selecionados os trabalhos que possuíam resumos disponíveis na base de dado supracitada, com período de publicação entre os anos de 2006 a 2016, em português, espanhol e inglês.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a busca, na utilização dos descritores *dependência*, *drogadição* e *transicionalidade*, foram encontrados 2.123 artigos, os quais foram analisados de acordo com a base de dados, período de publicação, sendo este de 2006 a 2016, e relevância.

Tal fato possibilitou a pré-seleção de 43 destes artigos para a realização da pesquisa inicial, sendo, posteriormente, reduzidos pelos mesmos critérios e existência de um resumo, a 10 para a confecção do trabalho.

Seguidamente, ao selecionar esses 10 artigos, estes foram avaliados conforme a autoria, o título, o ano de publicação, a base de dados e os periódicos, conforme demonstrado abaixo no quadro 2.

Após análise dos 10 artigos, foi possível subdividi-los em 3 grupos que abordaram a dependência, a drogadição e a transicionalidade como formas de intervenção psicanalítica em usuários de drogas.

Quadro1- Artigos selecionados de acordo com as bases de dados e descritores

<b>BASE DE DADOS</b>	<b>DESCRITORES</b>	<b>Nº DE ARTIGOS</b>	<b>Nº DE ARTIGOS SELECIONADOS</b>
LILACS	Dependência	745	03
	Drogadição	889	04
	Transicionalidade	489	<b>03</b>
<b>TOTAL</b>		<b>2.123</b>	<b>10</b>

Fonte: Dos próprios autores.

Quadro 2 - Artigos utilizados na pesquisa

<b>Nº DO ARTIGO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>BASE DE DADOS</b>	<b>PERIÓDICO</b>
1	MIGOTT, A. M. B.	Dependência química: problema biológico, psicológico ou social?	2008	LILACS	Cadernos de Saúde Pública.
2	PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A.	O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução.	2009	LILACS	Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa
3	SOUSA, P. F.; RIBEIRO, L. C. M.; MELO, J. R. F.; MACIEL, S. C.; OLIVEIRA, M. X.	Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para a mudança.	2013	LILACS	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia.
4	RAUPP, L.; MILNITSKY-SAPIRO, C.	Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo.	2009	LILACS	Revista Estudos de Psicologia.
5	SEDEU, R. L.	Da toxicomania à adicção: uma abordagem relacional.	2014	LILACS	Revista Estudos de Psicanálise.
6	SOUZA, M. A.; KALLAS, R. G. M.	Análise da destrutividade em adictos a drogas: contribuição a uma abordagem psicoterapêutica.	2009	LILACS	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia.
7	SZOBOT, C. M.; ROMANO, M.	Co-ocorrência entre transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e uso de substâncias psicoativas	2007	LILACS	Jornal brasileiro de Psiquiatria.
8	CASTILHO, P. T.	Algumas considerações sobre o objeto na psicanálise de Winnicott e Lacan: do objeto	2012	LILACS	Revista Estudos de Psicanálise.

		transicional ao objeto pequeno <i>a</i> .			
9	OUTEIRAL, J. O.	Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo.	2010	LILACS	Jornal da Psicanálise.
10	VORCARO, A.; LUCERO, A.	O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto <i>a</i> em Lacan.	2015	LILACS	Revista Natureza Humana.

Fonte: Dos próprios autores.

Mediante o estudo dos 10 artigos ficou claro como a teoria winnicottiana exerce grande poder de compreensão acerca do tema abordado no presente artigo. Isso porque ela é repleta de concepções quanto ao amadurecimento emocional do ser humano. Tais concepções estão diretamente relacionadas à possibilidade de esclarecimento do amadurecimento psíquico dos dependentes químicos (CASTILHO, 2012).

Para Castilho (2012), Donald Woods Winnicott criou a teoria do amadurecimento emocional como forma de entender o surgimento de doenças e de demais transtornos, com o intuito de que a cura fosse alcançada, em quaisquer âmbitos em que fosse verificado o sofrimento humano, uma vez que o desenvolvimento emocional constitui um processo de amadurecimento pessoal baseado na acumulação e integração de experiências.

Assim, torna-se necessário compreender enfaticamente as experiências corporais, sensoriais, motoras e a elaboração imaginativa do bebê, haja vista que irão exercer papel fundamental quanto ao seu processo de amadurecimento, ou seja, conceitos como holding (compreende o ato físico de sustentar a criança nos braços), handling (relaciona-se à percepção da mãe para com as necessidades do bebê), ambiente facilitador (ambiente agradável que proporcione a execução de todas as tarefas necessárias ao desenvolvimento), ambiente intrusivo (aquele que gera desconforto e dificulta o amadurecimento), self (o que se é) e demais, podem auxiliar no entendimento da sobriedade de indivíduos ao longo de sua jornada de amadurecimento emocional (OUTEIRAL, 2010).

Segundo o autor supracitado, conceitualmente falando, o holding está relacionado com a função de sustentação instaurada pela mãe através de uma rotina de cuidados cotidianos que tornam-se repetitivos e vão sustentar a criança, tanto corporalmente quanto psiquicamente. Em vista disso, a realidade externa para o bebê é muito simplificada e permite que ele crie pontos de referência simples e estáveis, facilitando sua integração no tempo e no espaço. Já o handling, está associado com a manipulação, ou seja, quando o bebê passa a criar contato com seu corpo,

por meio dos cuidados físicos da mãe que o manipula no momento da higienização. O holding e o handling são processos que ocorrem simultaneamente.

Defende ainda que o ambiente facilitador é caracterizado por ser um ambiente que compreende e abarca os aspectos essenciais de cuidado, respeitando a dependência do bebê e que mire no favorecimento do desenvolvimento físico e psíquico dele. Esse processo reflete a capacidade da mãe de se identificar com o bebê, mais conhecida como identificação materna primária, onde ela passa a sentir as necessidades dele e os momentos exatos em que tais necessidades devem ser saciadas. Por outro lado, o ambiente intrusivo se refere à dificuldade de identificação materna quanto às necessidades do bebê a serem supridas, de modo que as reações dele incidam no ambiente, no momento em que não há maturidade para tanto. Aqui, o bebê não tem maturidade para reconhecer o ambiente que está em volta dele como sendo exterior, esse reconhecimento só ocorrerá na fase de transicionalidade.

Vale ressaltar que o ambiente intrusivo ocorre pelo comportamento inconstante da mãe, que estimula o bebê em momentos aversivos à necessidade do momento. Pode se citar, por exemplo, quando a criança está em repouso e a mãe o desperta para alimentá-lo sem que ele apresente fome, com isso, ela não oferece um ambiente tranquilo. O self ou o si-mesmo é definido como sendo a representação da pessoa por completo, incluindo fatores corporais, assim como sua organização mental. Em consequência disso, dois aspectos, com relação ao self, estariam evidentes e presentes na vida de qualquer ser humano: o falso e o verdadeiro (OUTEIRAL, 2010).

Na perspectiva de Vorcaro e Lucero (2015), dentro da teoria winnicottiana, o ambiente é tido como sine qua non, onde o desenvolvimento humano ocorre de maneira satisfatória, sem o estabelecimento de defesas, dando, para tanto, o real sentido do self. Quando essa fase não é alcançada, o indivíduo assume um falso self que incidirá em seu significado existencial.

Conquanto, apontam que é necessário entender o que seria esse ambiente, haja vista sua importância quanto ao processo de compreensão da intervenção psicanalítica à luz da drogadição e transicionalidade. Dessa forma, o ambiente pode ser compreendido pela relação entre a mãe e o bebê, formando um conjunto interdependente.

Ademais, os autores acima citados afirmam que o bebê deve começar sua relação com o mundo existindo e não reagindo. Tal perspectiva é trabalhada por Winnicott, sendo sustentada por diversos teóricos. A partir do momento em que o ambiente não se harmoniza com as necessidades do bebê, o ego precoce reage e passa a sentir-se como intruso. Quando os

processos intrusivos começam a se tornar frequentes, o bebê desenvolve um padrão de comportamento considerado patológico, em consequência da incapacidade da criança de estabelecer um ego unitário. Com isso, ocorre uma padronização quanto à fragmentação do ser, podendo resultar em autismo, esquizofrenia latente, falso self, personalidade esquizoide, entre outros.

O que o distingue de imediato da abordagem da tradição ortodoxa da psicanálise é uma percepção que pode ser inserida na noção de relacional. Isso quer dizer que, em seus primeiros meses de vida, a criança pequena depende da mãe como aquela que cuida dele, que atende às suas necessidades (físicas e emocionais) e não complementa seu comportamento pelos cuidados maternos que ele representa uma abstração errônea quando a pesquisa psicanalítica a considerar um objeto de investigação independente, isolada de qualquer pessoa de referência, a mãe não é uma pessoa de referência, porque o bebê não a tem como uma alteridade (CASTILHO, 2012, p. 127).

Além disso, um ambiente intrusivo também pode ocasionar ao indivíduo um padrão de inquietação, agitação motora e desatenção. Com o tempo, se essas reações forem frequentes, a criança corre o risco de adentrar o ambiente de maneira excessiva, caracterizando uma dificuldade de desenvolver controle dos seus impulsos motores e de sua percepção (VORCARO; LUCERO, 2015).

Em função disso, o indivíduo pode acarretar para si transtornos como déficit de atenção e hiperatividade, principalmente quando crianças. Nesse sentido, vale ressaltar que a criança desatenta, que parece não conhecer sua rotina, acaba gerando certa necessidade de ser estimulada a envolver-se com um mundo que é objetivamente percebido. Enquanto que a hiperativa parece viver em um estado de êxtase, em que é extremamente difícil de controlar suas atividades e sua concentração. Por conta disso, tais comportamentos demonstram a dificuldade do indivíduo relacionar-se com o ambiente, haja vista que o hiperativo apresenta problema no controle de seus impulsos instintuais e motores e o desatento parece desligar-se da realidade externa por alguns minutos (SZOBOT; ROMANO, 2007).

Diversos estudos descreveram associação entre transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e transtorno por uso de substâncias psicoativas (TUSP), cogitando-se uma relação causal. Uma das hipóteses é de que parte do risco para o TUSP poderia ser explicada pela presença de TDAH, uma vez que este transtorno se inicia antes dos primeiros contatos do indivíduo com substância psicoativa (SPA), em geral, na adolescência intermediária. Os estudos sobre adolescentes com uso/abuso de SPA também apontam para uma maior taxa de TDAH, embora não seja claro se a associação pode ser atribuída ao TDAH isoladamente ou se poderia ser atribuída ao transtorno de conduta (TC) com órbido. (SZOBOT; ROMANO, 2007, p. 40).

Nessa linha, vale enfatizar que um dos principais motivos que ocasionam o uso abusivo das drogas é a constante necessidade de desterrar o sentimento de angústia, raiva, culpa, desgostos ou qualquer outro tipo de sentimento vivenciado pelo indivíduo como insuportável e desagradável. As frustrações que o indivíduo ou a criança sofrem, seja no ambiente escolar ou familiar, incidem diretamente nos conflitos psíquicos vivenciados por eles e, em razão disso, recorrer ao uso das drogas serve como recurso para aliviar todas as tensões, mesmo que de maneira transitória (SEDEU, 2014).

A fase da dependência absoluta é um período crucial no desenvolvimento humano e, geralmente, as pessoas jamais imaginam que uma dificuldade enfrentada pela mãe nesse período pode interferir no processo de desenvolvimento do filho. Mesmo que essas dificuldades não ocasionem o transtorno do tipo evasivo, uma interrupção da linha do desenvolvimento do indivíduo pode gerar profundos impactos na vida de uma pessoa (SOUZA; KALLAS, 2009).

Nesse sentido, a teoria do amadurecimento de Donald Woods Winnicott como instrumento de compreensão do fenômeno da drogadição reluz nas diversas publicações acerca da etiologia como falha na fase de transicionalidade. Em vista disso, vale, mais uma vez, enfatizar que, se na fase de dependência absoluta houve falhas, conseqüentemente, haverá uma ruptura no desenvolvimento do ser (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009).

Assim, o processo de desenvolvimento do bebê continua da dependência absoluta, mirando à independência relativa. O ambiente, conforme visto, possui uma função primordial no que concerne ao desenvolvimento integrado do bebê, de modo que ele continue existindo e não reagindo às intrusões do meio. Para que isso ocorra, é essencial o processo de identificação materna primária, que possibilitaria à mãe atender, de maneira específica, às necessidades desse bebê, favorecendo a sua evolução na linha do desenvolvimento do ser (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009).

Acresce-se a isso que, ao longo da fase da dependência absoluta do bebê, são abordadas tarefas e fenômenos psicopatológicos que podem ocorrer quando o ambiente não provê as condições necessárias para a realização das tarefas típicas desse período de vida o que pode acarretar fenômenos psicopatológicos futuros que podem levar à drogadição (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009).

No entanto, se o ambiente conseguiu prover as condições necessárias para que o bebê conquistasse as tarefas básicas, o desenvolvimento emocional é norteado para a busca da independência relativa, mas vale ressaltar que o bebê não está isento de possíveis falhas que

possam existir e que comprometam o seu desenvolvimento. Dessa forma, a próxima fase inicia-se com as relações objetais (RAUPP; MILNITSKY-SAPIRO, 2009).

Nesse ponto, é dada a real importância aos objetos e fenômenos transicionais, isso porque essa etapa permite que o bebê alivie suas tensões, em conformidade com a nova realidade, que até então havia sido vivenciada por ele, haja vista que sua realidade seria vista como um tipo de experiência interna, subjetiva, proporcionada pela onipotência primária. Esse período é caracterizado pela desilusão, que ocorre por meio da nova experiência de ter contato com um “outro mundo” ao qual terá que se adaptar (PRATTA; SANTOS, 2009).

Com isso, o processo de desilusão passa a ser visto como extremamente necessário para o início da relação da criança com o mundo. É nessa fase de adaptação à realidade que entram em cena os objetos transicionais (VORCARO; LUCERO, 2015).

Para Sedeu (2014), entre o mundo objetivamente percebido (realidade externa) e o mundo interior (realidade interna) existe uma transição importante da criança. Por mais que ela esteja em um processo de concepção de mundo objetivamente percebido, ela continua em um processo de “trânsito”, movimento entre seu mundo subjetivo (interno) com o objetivo (externo).

Ao levarmos em conta a adição como falha no período da transicionalidade, tem-se que alguma coisa ocorreu para que ela acontecesse, impossibilitando, assim, que o processo de continuidade na linha do ser fluísse de maneira plena (OUTEIRAL, 2010).

Portanto, vale destacar que, nessa fase de transicionalidade, o bebê inicia o processo de manipulação dos diversos tipos de objetos diferentes de si no padrão pessoal. Esses objetos se interconectam com os objetos externos (seio da mãe) e os subjetivos, que são criados a partir de sua própria necessidade. No entanto, esses objetos só terão sentido caso a presença da mãe (objeto real) seja constante, fazendo com que o objeto subjetivo permaneça vivo (OUTEIRAL, 2010).

Assim, o uso do objeto transicional acontecerá de maneira saudável se o objeto subjetivo, além de estar vivo, for suficientemente bom e não muito persecutório. Em conclusão, o objeto subjetivo depende da qualidade, da existência e ação do objeto externo. Compreende-se então que o ambiente é o fator decisivo para manter esse processo (OUTEIRAL, 2010).

Conforme visto, para que os objetos transicionais tenham significados para o bebê, é importante a presença real da mãe nessa fase, quando isso não ocorre e ela se distancia por um

período prolongado, o significado do objeto transicional se enfraquece e a criança e o mundo externo começam a ser vivenciados com uma angústia constante (OUTEIRAL, 2010).

Outeiral (2010) ainda afirma que a proximidade exagerada da mãe para com o bebê também pode levar a sérios problemas na transicionalidade nessa etapa da vida. O início da vida do bebê é compreendido pelo processo fusional entre a mãe e ele. Até mesmo porque não existe o bebê sem a mãe e nem mãe sem o bebê, estágio esse caracterizado como sistema de funcionamento.

O estágio fusional leva a mãe a verificar e identificar, primariamente, quais são as necessidades do bebê, haja vista que as necessidades dele também são suas. Essa etapa vivenciada na primeira fase do desenvolvimento faz com que a mãe seja suficientemente boa, pois, tendo a capacidade de se identificar com esse bebê, pode atender às especificidades da necessidade deste (CASTILHO, 2012).

No entanto, com o passar dos dias, a mãe acaba percebendo que o bebê consegue lidar e enfrentar a frustração e por conta disso, a mãe passa por um processo reconhecido como “desadaptação” do bebê. O distanciamento da mãe favorece o desenvolvimento do funcionamento mental e, por conseguinte, a utilização dos objetos externos (CASTILHO, 2012).

Na visão de Sedeu (2014), quando a mãe demonstra dificuldade em sair do processo fusional com o bebê, acaba prejudicando-o no sentido de ele ser capaz de desenvolver o desejo de ficar só e, em virtude disso, poder passar a buscar a presença da mãe incessantemente para lidar com qualquer tipo de experiência afetiva que venha a enfrentar, quer seja interna ou externa.

Em vista disso, a criança que não consegue se identificar com a representação interna da mãe torna-se incapaz de manter-se tranquila ante as pressões sofridas, tanto na esfera interna quanto na externa. Com isso, busca suprir as falhas referentes ao mundo interno com os objetos do mundo externo. Tais objetos do mundo externo podem ser drogas, comidas, fumo e/ou outras coisas que levam a um vício, atuando e agindo, similarmente, à função materna, com o objetivo de dissipar ou diminuir sentimentos dolorosos com os quais o indivíduo sente-se incapacitado de lidar sozinho (SOUSA et al., 2012).

Acrescido a isso, Sedeu (2014) afirma que esses objetos tomam o lugar dos objetos transicionais da infância, assumindo o lugar do ambiente materno. Os objetos adictivos, ao contrário dos transicionais, não são completamente suficientes para se aliviarem as tensões

emocionais, justamente por terem efeito temporário. Portanto, eles são vistos mais como tentativas no âmbito somático para lidar com algum tipo de ausência.

Segundo Raupp e Milnitsky-Sapiro (2009), abordar o drogadicto como alguém que teve problemas na fase da transicionalidade é compreender que alguém se desenvolveu com uma personalidade cindida, isso em consequência das falhas ambientais que ocorreram na etapa em que se iniciava a separação-união do mundo subjetivo com o mundo objetivamente percebido. Destarte, foi desenvolvido um falso self com o propósito de proteger o verdadeiro self, que sofria interferências negativas do ambiente. O desenvolvimento do falso self impossibilitou o desenvolvimento do sentimento de um ser autêntico, real que são as bases para se viver no mundo.

Para Pratta e Santos (2009), a dependência da droga é vista como uma doença crônica e que deve ser trabalhada, enfaticamente, nos dias atuais. Isso acontece porque tem chamado atenção das políticas públicas em geral: saúde, educação, segurança, assistência social, dentre outras. Os efeitos que essa dependência causa são deletérios, tanto no âmbito individual quanto social, haja vista que ela pode ser gerada a partir do consumo, seja ele pelo roubo, pelo assassinato, pela delinquência e pelo suicídio.

Souza e Kallas (2009) afirmam que a drogadição enquanto fenômeno da transicionalidade age como um instrumento para o drogadicto estar no mundo, alternando a percepção que se relaciona com o mundo subjetivo e o mundo objetivamente percebido. Isso ocorre devido ao fato de que não houve um suporte ambiental na fase da transicionalidade, acarretando, dessa forma, uma descontinuidade na linha do desenvolvimento do indivíduo. Além disso, existe uma semelhança entre as sensações físicas do uso das drogas e as sensações físicas vivenciadas na fase da transicionalidade, que está no sentido corporal exacerbado.

Ademais, pelo fato de a drogadição gerar sensações psicossomáticas, ela leva a uma tentativa de restabelecer o processo do desenvolvimento infantil que foi perdido por causa de falhas ambientais. Portanto, acaba representando uma tentativa de recuperação do self verdadeiro que ficou oculto pelo estabelecimento de um self falso e submisso. Por fim, vale ressaltar que o drogadicto parece tentar integrar-se num eu unitário, dotado de um self plenamente constituído, sem falhas e/ou desfragmentado, fazendo com que ele passe a sentir a vida como real e com sentido, mas de forma transitória, tendo em vista que a fase de transicionalidade é defendida pelo autor como algo contínuo, que vai e volta e acompanha o

indivíduo por toda a vida, correndo risco de se tornar mal sucedida e que, em casos graves, pode levar à destruição e ao suicídio (SOUZA; KALLAS, 2009).

#### 4 CONCLUSÃO

É pertinente pontuar que a modificação do objeto transicional pode acarretar falhas de sustentação na fase de transicionalidade, visto que a interferência do ambiente, bem como das características de tais objetos, poderá gerar a perda de seu significado para o bebê.

De acordo com a teoria winnicottiana, é plausível a identificação do período onde ocorreu determinada falha, sendo de extrema importância no diagnóstico do sujeito, pois, conseguindo identificar em qual etapa houve intrusão e qual tarefa não foi conquistada, o profissional poderá fornecer a esse sujeito um fator ambiental para que possa recuperar o que perdeu, o que, segundo o autor, favorece até mesmo a recuperação do adicto.

#### **DRUG ADDICTION AND TRANSITIONALITY: PSYCHOANALYTIC INTERVENTION**

##### **ABSTRACT**

For a satisfactory development, the child needs an environmental support that enable achievement of typical development of tasks towards an integrated being and a confidence committed in the bond with the mother, so that it can be supported its lack in the process of dependence, as well as in the transitionality phase. Disturbances caused by an intrusive environment may result in an incessant search for objects that can supply the subject's ego. Establishing a good contact with the internal and external world, i.e., with their own feelings and with what surrounds them, is a difficult task found by a significant portion of chemical dependents. As a result of this, the study aimed to relating the human drug addiction to possible failures in the processes of absolute dependence and transitionality defended by Winnicott. In this sense, the development of the research was carried out through an integrative review, using scientific periodicals indexed on the electronic database of LILACS (Latin American and Caribbean Health Sciences Literature), being restricted the use of publications of the period from 2006 to 2016. According to the results obtained, it is concluded that this theory contributes to the visualization of development failures, which will enable the analyst to meet the needs of the patient.

**Keywords:** Dependence. Drug addiction. Transitionality.

##### **REFERÊNCIAS**

BRUSAMARELLO, Tatiana et al. Consumo de drogas: concepções de familiares de estudantes em idade escolar. **SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 01-19, feb. 2008. ISSN 1806-6976. Disponível em:

Revista Funec Científica – Multidisciplinar, Santa Fé do Sul (SP), v.6, n.8, p.132-46, jan./dez. 2017. ISSN 2318-5287.

<<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38664/41511>>. Acesso em: 16 jun. 2017.  
doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v4i1p01-19>.

CASTILHO, P. T. Algumas considerações sobre o objeto na psicanálise de Winnicott e Lacan: do objeto transicional ao objeto pequeno a. **Revista Estudos de Psicanálise**, n. 37, p. 127-41, jul. 2012. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372012000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun 2017.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003

MENDES, K. D. D.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Revista Texto e Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MIGOTT, A. M. B. Dependência química: problema biológico, psicológico ou social? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 3, p. 710-711, 2008. Disponível:  
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000300027>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

OUTEIRAL, J. O. Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. **Jornal da Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 78, p. 91-8, jun. 2010. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352010000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 203-11, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a08v25n2.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RAUPP, L.; MILNITSKY-SAPIRO, C. Adolescência, drogadição e políticas públicas: recortes no contemporâneo. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 26, n. 4, p. 445-54, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n4/05.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SEDEU, R. L. Da toxicomania à adicção: uma abordagem relacional. **Revista Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 42, p. 107-20, dez. 2014. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 maio 2017.

SOUSA, Patrícia Fonseca, et. al. Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para mudança. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 259-68, jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-18> Acesso em: 15 jun. 2017.

SOUZA, M. A.; KALLAS, R. G.M. Análise da destrutividade em adictos a drogas: contribuição a uma abordagem psicoterapêutica. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 377-91, 2009. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2009000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SZOBOT, C. M.; ROMANO, M. Co-ocorrência entre transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e uso de substâncias psicoativas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.56, supl. 1, p. 39-44, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56s1/a09v56s1.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2017.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990

VORCARO, A.; LUCERO, A. O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto a em Lacan. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 15-32, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302015000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Recebido em: 29 de janeiro 2018.

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2018.